

GT 21 - O QUE PODEM OS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO? PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CAMINHOS INVESTIGATIVOS

“NÃO SOU SOMENTE NÚMEROS E CÁLCULOS”: REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E PERFORMANCES DE PROFESSORES GAYS DE MATEMÁTICA

Allyson Emanuel Januário da Costa¹

Patrícia Ignácio²

Natal, 18 de novembro de 2025.

Estimados Docentes gays de Matemática,

Desejamos envolvê-los e recebê-los por meio desta carta, escrita por mãos ainda em travessia, mas já atravessadas pelas lentes dos Estudos Culturais e marcada por olhares atentos para a educação. Em especial, voltamo-nos para as experiências e performances docentes de professores gays que atuam na Educação Básica, na área de Matemática. Destacamos que esta carta constitui um recorte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento por um dos autores supracitados.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não há dados específicos sobre o número de docentes que se autodeclaram gays no Brasil. Diante dessa lacuna, recorreremos às informações gerais referentes à orientação sexual da população adulta, que podem oferecer indícios para a construção de um panorama aproximado da composição demográfica nacional. Em 2019, o IBGE registrou que a maior parte das pessoas com 18 anos ou mais se declarava heterossexual (94,8%), enquanto percentuais menores se identificavam como homossexuais (1,2%) ou pertencentes a outras orientações sexuais (0,8%) (Barros, 2022). Embora tais dados não correspondam diretamente ao universo docente, eles permitem inferir que, proporcionalmente, a população heterossexual tende a ser majoritária também no ambiente escolar. Não buscamos, com essa inferência, substituir levantamentos

¹ Doutorando, UFRN, PPGED-UFRN, allysonecosta@gmail.com.

² Doutorado (orientadora), UFRN, PPGED-UFRN, patricia.ignacio@ufrn.br.

específicos sobre professores, mas apenas propor uma hipótese e suscitar reflexões diante da ausência de informações oficiais sobre o tema.

Em meio a estes dados, acionamos algumas cenas escolares que tensionam, problematizam e questionam a presença destes professores na Educação Básica, as quais buscam reduzi-los um conjunto de números e cálculos. Tais cenas evidenciam a necessidade de fomentarmos uma discussão mais consistente sobre as expectativas que recaem sobre o professor de Matemática gay — expectativas que dizem respeito ao modo como deve se comportar em sala de aula; como precisa condicionar suas ações, às regulações que orientam seus gestos e ações, e aos apagamentos de si que, por vezes, se vê compelido a produzir para que sua prática docente seja socialmente legitimada. Trata-se, portanto, de um tema que suscita uma reflexão fulcral sobre as performances desse professor e sobre como a tessitura de suas experiências tem agenciado a performatividade que socialmente se espera dele.

Para essas discussões, partimos de um ensaio de análise, integrado à proposta da tese, no qual realizamos uma entrevista com um professor gay de Matemática. O professor — aqui denominado Professor X — tem 32 anos e atua, desde 2016, na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte. Amparados por uma abordagem pós-crítica, desenvolvemos um percurso metodológico de natureza qualitativa, propondo uma análise cultural das narrativas orais de professores gays de Matemática, produzidas por meio de entrevistas semiestruturadas. Nosso objetivo é compreender os modos pelos quais esses docentes constroem suas identidades no contexto escolar.

Com Butler (2000), compreendemos a performatividade como um conjunto de ações atravessadas por influências sociais e históricas, que se incorporam às identidades e produzem uma realidade regulada pelas normas que definem o que é socialmente reconhecido como legítimo ou normalizado. Borba (2014) argumenta, nessa mesma direção, que a performance não deve ser entendida como um ato meramente teatral, isolado ou desprovido de intencionalidade. Ao contrário, ela é condicionada e, ao mesmo tempo, potencializada pela performatividade.

Para refletirmos sobre suas práticas em sala de aula, mobilizamos as discussões dos Estudos Culturais, no que se refere à importância de compreender o sujeito como alguém que produz e é produzido pelas práticas culturais. Como afirma Hall (2016, p. 21), “A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento humano na vida social daquilo que é biologicamente

direcionado.”. Dessa forma, não podemos ignorar que estar em um ambiente escolar, implica reconhecer que estamos imersos em um circuito da cultura — processos em que os sentidos são produzidos e regulados, em um campo de disputas e relação de poder.

Nesse sentido, o ensaio de análise evidencia que a performance docente se mostra regulada pela heterossexualidade compulsória. Quando o Professor X diz que já se reconhecia como gay, mas:

Na medida em que fui crescendo, comecei a sentir vergonha. Comecei a tentar me “comportar” mais e quanto mais comentários elogiosos eu recebia, pela minha nova postura, mais fui me moldando. Lembro da minha avó elogiar meu comportamento mais sério e mais calado e dizer que eu estava amadurecendo. (Professor X, 2025).

Percebemos a produção de sentidos sobre si e sobre seus atos, a partir de uma performatividade heteronormativa, hierarquizada, por meio das normas sociais. Assim sendo, o professor gay de Matemática, ao se inserir no ambiente escolar, é atravessado por inúmeras regulações — desde a forma de se vestir, falar e andar até suas interações com outros sujeitos escolares. No que se refere aos sentidos produzidos e atribuídos por esses docentes, Hall (2016, p. 22) afirma que “Os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada.”. Essa discussão aparece de forma evidente na fala do Professor X:

Uma vez um aluno me mostrou um print de uma conversa na qual um outro aluno dizia que as escolas não deveriam aceitar professores gays. Mas o mais engraçado é que na conversa ele me xingava e falava barbaridades, mas pessoalmente vinha apertar minha mão. (Professor X, 2025).

Para concluir nossa discussão, ao menos nesta carta, é fundamental reconhecer que os sujeitos escolares – professores gays de matemática – não constituem identidades fixas ou acabadas, mas estão sempre em transformação, em permanente devir (Corazza, 2008). Suas experiências e performances docentes são atravessadas por distintos marcadores sociais, entre eles a homossexualidade e a heteronormatividade que normatizam a vida social. Essa questão torna-se ainda mais incisiva no contexto escolar e, especialmente, no campo da Matemática,

historicamente marcado pela presença expressiva de professores homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais (Guse; Esquicalha, 2022).

Isso reforça a necessidade de que cada um de vocês se constitua como representação daquilo que, mesmo atravessado por regulações e transformações, precisa ocupar espaços e tornar-se vivível.

Vocês são muito mais do que números e cálculos: vocês são aquilo que desejam ser.

Palavras-chave: Professor de Matemática. Docência. Gênero.

Referências:

- BARROS, Alerrandre. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. *Agência IBGE notícias*, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>. Acesso em: 25 de fev de 2025.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*. v. 43, jul./dez. 2014.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CORAZZA, Sandra Mara. Artistagens docentes. In: CONGRESSO NACIONAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, 3., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2008. Palestra apresentada em 16 jul. 2008.
- GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma Educação Matemática Desviante das (Cishetero) normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTI+?. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, v. 36, n. 74, p. 944-970, 2022.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e introdução de Tomaz Tadeu da Silva. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2016.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35–86.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In.:____. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes,1997, p. 57-87.

PROFESSOR X. *Entrevista para pesquisa sobre o professor gay de Matemática* (concedida a Allyson Emanuel). Natal, 20 out. 2025. [Entrevista não publicada].